

# JOGOS EDUCACIONAIS EM AFRICANIDADES BRASILEIRAS

**Palavras-Chave:** PIBIC-EM, Jogos Educacionais, Africanidades Brasileiras

**Autores(as):**

**Lívia Marçal de Souza, FE – UNICAMP**

**Lavínia Faria da Silva, FE – UNICAMP**

**Isaac de Lima Vieira, FE – UNICAMP**

**Robson Bomfim Sampaio (coorientador), FE – UNICAMP**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Debora Cristina Jeffrey (orientadora), FE – UNICAMP**

---

**INTRODUÇÃO:** Através da Lei de nº 10.639, sancionada em 2003, onde diz que os estudos sobre a história e cultura Afro-Brasileira devem ser incluídos no currículo escolar do ensino básico, tanto na educação pública e nas privadas (BRASIL, 2003). Depois de mais de 20 anos da lei, percebemos que ainda não se efetivou a política na maioria das redes de ensino do Brasil (JEFFREY; GARCIA, 2022).

E para colaborar com a sua efetivação o Grupo de Estudo e Pesquisa em Política e Avaliação Educacional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (GEPAL/FE-UNICAMP), vem desenvolvendo ações de pesquisas e formativas com intuito de instrumentalizar as/os adolescentes do ensino médio que estão vinculados no Programa de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) e ao projeto “Jogos Educacionais em Africanidades Brasileiras”, que teve como objetivo desenvolver jogos educativos, abordando e destacando a relevância das africanidades brasileiras. Além disso, os jogos educacionais foram produzidos com o intuito de serem utilizados tanto em espaços escolares como em espaços não-escolares, fazendo com que seja incentivado a valorização, enaltecimento e respeito às matrizes étnico-raciais.

Desta forma, o modo de ser, viver e de intervir das(os) negras(os) contextualiza as suas diásporas no mundo, tendo como pilar os estudos de pensadoras(es) negras(os) brasileiras(os), que buscam em seus estudos resgatar a ancestralidade, história e identidade afro-brasileira.

Fizemos parte de uma segunda versão do PIBIC-EM em “Jogos Educacionais em Africanidades Brasileiras”, a primeira experiência encontra-se publicado pelos autores Stateri e Sampaio (2022) no livro *20 anos da lei 10.639/2003: trajetos e possibilidades na Educação*

das *Relações Étnico-raciais* (2022), sob organização da prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Debora Cristina Jeffrey (UNICAMP) e Maria de Fátima Garcia (UFRN).

## **METODOLOGIA:**

**TEORIA:** No primeiro semestre, nós começamos a estudar a teoria para colocarmos em prática no jogo. Tivemos aulas com muitos professores diferentes sobre diáspora, pan-africanismo, corporeidade negra, ditadura militar, geografia da África entre vários outros temas relacionados. Além disso, junto com o Professor Francisco Gonçalves, fizemos leituras importantes (Figura 1), como “Heroínas negras brasileiras” de Jarid Arraes, que conta em forma de cordel, a vida de mulheres negras no Brasil e, também, “Poesias de uma vida inteira” de José Pereira, que através de poesias relata suas dificuldades, relacionamentos, tristezas e felicidades sendo um homem preto.

Figura 1: Aula de instrumentos usados na capoeira com o professor Francisco Gonçalves



Crédito: Self da Lívia Marçal de Souza

**VISITAS:** Também no primeiro semestre nós fizemos visitas técnicas ao campus da universidade, juntamente com o nosso coorientador Robson Bomfim Sampaio (Figura 2). Essas visitas foram de extrema importância para a nossa transição de adolescentes para jovens adultos. Nelas conhecemos outras instituições, faculdades, pessoas de diferentes lugares, idades, culturas e de diferentes cursos da universidade, o que nos ampliou a visão para o futuro e auxiliou na construção da nossa personalidade, identidade social e do nosso pensamento crítico.

Figura 2: Visita no Instituto de Química da Unicamp



Crédito: Robson Bomfim Sampaio

**PRÁTICA:** Além das leituras, na nossa parte prática, nós estudamos e buscamos muitas inspirações para o nosso jogo. Começamos decidindo qual seria o formato do jogo, a

aparência dos personagens, as cores, o nome do jogo, o conteúdo e as perguntas, que foram elaboradas por nós. Contudo, fazíamos reuniões semanais nas segundas para alinhar nossas ideias com a viabilidade de produção dos nossos parceiros, os alunos do INTELI. A última parte prática do nosso projeto foi a apresentação do jogo (Figura 3), que aconteceu em São Paulo no Instituto de Tecnologia e Liderança (INTELI), através de uma roda de conversa com nossos parceiros e os alunos interessados, também transmitido pelo canal da Faculdade de Educação do Youtube<sup>1</sup>.

Figura 3: Apresentação no Inteli



Crédito: Fabiana Martins de Oliveira

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como foi citado anteriormente, o jogo ZUMKOFA<sup>2</sup> foi desenvolvido em parceria com o Instituto de Tecnologia e Liderança (INTELI). Depois de muito tempo de estudo de várias áreas em africanidades, nós, alunos do PIBIC, decidimos que o jogo abordaria o Movimento Negro Unificado, criado na cidade de São Paulo em 1978. Assim, criamos as falas, os personagens, as perguntas, os ambientes e o título de acordo com o que achávamos que fazia sentido e seria interessante ao jogar. Durante o desenvolvimento das ideias, fazíamos reuniões com os alunos e professores do INTELI para checar a viabilidade e alinhar o protótipo. E assim, quando conseguimos alinhar nossas ideias com as ideias dos nossos parceiros e com a possibilidade de execução, eles começaram a segunda parte do trabalho de produção, que era transformar nossas ideias conjuntas em um jogo funcional. Algumas coisas precisaram mudar desde a ideia inicial; porém, o jogo, sendo uma versão beta (Figura 4), foi muito bem desenvolvido, e temos a intenção de continuar e alcançar completamente nosso objetivo: a efetivação da lei 10.639/03.

Figura 4: Printscreens do Jogo ZUMKOFA



Crédito: Isaac de Lima Vieira

<sup>1</sup>[https://youtube.com/live/Ka\\_ujwkTlx4?feature=share](https://youtube.com/live/Ka_ujwkTlx4?feature=share)

<sup>2</sup> [https://carbone027.github.io/JogoAfricanidades\\_Inteli-Gepale/](https://carbone027.github.io/JogoAfricanidades_Inteli-Gepale/)

## CONCLUSÕES:

O PIBIC-Em realizado no Grupo de Estudo e Pesquisa de Política e Avaliação Educacional na Faculdade de Educação da Unicamp (GEPALE/FE-Unicamp), em sua segunda versão, conosco, nos deram uma dimensão do que não tínhamos visto nas escolas sobre educação para relações étnico-raciais, como é determinado na lei nº 10.639/2003, pudemos neste período de pibiquianas/o, estudar a cultura afro-brasileira e construir um jogo que tinha como ideia principal de dar visibilidade e com a necessidade da efetivação da lei. Para chegarmos no jogo, tivemos uma rica experiências com várias pessoas ligadas ao Gepale e seus parceiros, pudemos também conhecer um pouco da Unicamp, nos passeios acadêmicos, na convivências na cantina da Biologia e nos refeitórios universitários, de forma geral, o projeto em Africanidades nos deram uma consciência maior da nossa identidade racial e criticidade sobre o que se fala sobre nossa cultura afro-brasileira sem conhecer ela, pela falta da efetivação da lei nas escolas. Nas linhas abaixo vamos deixar nossos relatos mais individualizados.

**Lavínia:** Desenvolver o jogo ZUMKOFA, me ajudou a conhecer a história de meus antepassados, e a descobrir minha identidade social. Ouvir as experiências dos convidados que foram para a África e que nasceram no continente africano me ajudou a abrir os olhos para outros lugares no mundo e a estar aberta a mudanças. As reuniões, visitas e encontros me trouxeram uma visão mais crítica e aberta sobre as coisas ao meu redor.

**Isaac:** A forma de desenvolvimento dos estudos, a forma de se estudar, a hospitalidade, as discussões e práticas são totalmente diferentes do último projeto realizado por mim, formas muito diferentes de raciocínio e lógica que eu utilizo todos os dias e que pretendo aprender mais.

**Lívia:** Todo o projeto de “Jogos em africanidades brasileiras” foi bem interessante pra mim, me fez ver o mundo e os cenários atuais de uma forma diferente, além de me fazer entender mais sobre minha cultura, a cultura da minha família e a nossa história. Desenvolver todo esse trabalho me mostrou a importância da educação no Brasil e as dificuldades enfrentadas para que ela possa ser minimamente boa. Espero que esse projeto possa ajudar a efetivação da lei 10.639/03, que é muito importante para o desenvolvimento da sociedade brasileira, e que eu possa continuar com essa disposição de ver a vida, conhecer culturas, pessoas e lugares da forma que o PIBIC-EM me ensinou.

---

## BIBLIOGRAFIA

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordeis. São Paulo: Pólen, 2017.

BRASIL; **LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> Acesso em: 09 mar 2021

JEFFREY, Debora Cristina Jeffrey; GARCIA, Maria de Fátima (org.) **20 ANOS DA LEI 10.639/2003 Trajetos e Possibilidades na Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ed. CV. 2022. Disponível em:<<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37567-crv>> Acesso em: 11 mar 2024

PEREIRA, José. **Poesias de uma vida inteira**. Marília, SP, 2020.

SILVA, Odair Marques da. **Atlas Geocultural da África**. ED. Eiros; 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras**. In: MUNANGA, K. (org).Superando o racismo na escola. 2a ed. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)> Acesso em: 09 mar 2021

\_\_\_\_\_. **e. A palavra é... africanidades**. Presença pedagógica, Belo Horizonte, V. 15, No. 86, mar./abr. 2009

SOUZA, Jayne Lima de. **Mulheres negras que lutaram contra as opressões sociais**: um estudo da perspectiva histórica de Jarid Arraes. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Monografia (Graduação). Pedagogia. Universidade Federal do Tocantins - Campus de Miracema. Orientador: Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho. 2022.

SOUZA, Manuela Q. de.; SAMPAIO, Robson Bomfim. **Gritos marginalizados: batalha de rima como resistência e processo de transmissão de conhecimento**. GEPALE, FE UNICAMP, 2023. (no trello).

STATERI, Julia; SAMPAIO, Robson Bomfim. **Jogos educacionais em Africanidades Brasileiras**: uma experiência do PIBIC-EM Unicamp 2020-2021 In:JEFFREY, Debora Cristina Jeffrey; GARCIA, Maria de Fátima (org.) 20 ANOS DA LEI 10.639/2003 Trajetos e Possibilidades na Educação das Relações Étnico-Raciais.Ed. CV. 2022. Disponível em: <<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37567-crv>> Acesso em: 11 mar 2024

VOLP, Stefano. **Homens pretos (não) choram**. Crônicas quarentênicas sobre masculinidade e negritude. 2020